

TODOS CONTRA O ESTADO

E' curioso constatar como, de há um tempo para cá, tantas afirmações se têm feito da parte de várias classes sociais, envolvendo uma aberta hostilidade ao Estado. As forças vivas são que se sabe, tendo levado o seu movimento até a completa rebelião, e queixando-se contra a pressão do poder público, negando-lhe o direito de exigir impostos, além duma quantia que elas próprias entendam ser o comportável com as suas possibilidades. A propósito da interferência do Estado no Banco de Portugal, vai agora uma celeuma extraordinária, pondo-se abertamente a doutrina de que o Estado não tem o direito de fazer essa intervenção, contrariando a única liberdade de iniciativa privada.

Sobre este último caso, vinha ontem o *Diário de Notícias* atacando o Estado. Entre outras coisas diz que este não tem o direito de, sózinho, ter mais votos de que qualquer outro accionista.

Sem querer discutir o que será o Estado sózinho, quando o Estado é toda a gente, segundo as doutrinas jurídicas, não deixa de ser curioso acentuar esta corrente geral de animadversão contra o Estado. Contudo, quer-nos parecer que só nós é que temos o direito de nos revoltarmos contra o Estado, porque o não reconhecemos, e entendemos que ele não devia existir.

Não se entende que indivíduos que tanto se indignam com a propaganda das ideias libertárias e que a contrariam, opondo-nos a necessidade da organização política e autoritária das sociedades humanas, sejam os mesmos que, depois, se insurgem, quando o Estado cobra impostos ou quando o Estado manda ou fiscaliza. Escusam esses elementos de atribuir a quaisquer preleções dos últimos governos pelo operariado essa preocupação de intervir nos negócios das forças-vivas para defender os interesses dos explorados, como se a aspiração dos operários fosse a dum Estado exercendo pressão contra a burguesia.

Não. O Estado foi sempre um sistema de opressão para defesa, não de toda a colectividade, mas duma minoria privilegiada que manda em nome dos outros. Ora isso não pode, de maneira nenhuma, satisfazer-nos. Mesmo um Estado em que só os trabalhadores tivessem voto, cujo governo se dissesse do Trabalho, não podia satisfazer-nos.

Perante um tal Estado, o operário acabaria por não ser nada, sendo o Estado tudo. E o Estado seria sempre a minoria intelectual que dominasse, e os funcionários públicos, para todos os efeitos, uma oligarquia como qualquer outra.

Não seremos nós, que não aceitamos sequer o Estado bolchevista, que se organizou por impulso duma revolução operária, que teremos o direito de afirmar a nossa repulsa pelo Estado?

Não, senhores burgueses, a lógica manda que vós não hostilizeis a própria instituição que, mesmo quando simula uma protecção aos interesses gerais, não faz senão procurar perpetuar o poder das classes dominantes.

06.º aniversário de "A Batalha"

Saúdo o nosso jornal pelo seu 6.º aniversário e fazendo votos pela sua prosperidade para que ele possa continuar defendendo o povo trabalhador e consumidor, recebendo dos nossos amigos Raúl Neves Dias, um dos fundadores de *A Batalha*, António Gonçalves Maruny, de Aljustrel, e Ernesto dos Santos Gonçalves Pereira, nosso dedicado correspondente na Guarda, palavras muito afectuosas.

O jornal *O Século* teve a gentileza de se referir à passagem do nosso aniversário, o que agradecemos.

Da Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra do concelho de Almada, recebemos o seguinte carinhoso ofício que muito nos sensibilizou:

Presado camarada director de *A Batalha*: Passando hoje o 6.º aniversário do nosso jornal *A Batalha*, somos a enviar-lhes as nossas sinceras saudações por esse facto, desejando-lhe uma longa vida, cheia de prosperidades.

Mais saudamos todos quantos trabalham na sua confecção, e aqueles que tem dado o melhor do seu esforço para que *A Batalha* ocupe um lugar de destaque na imprensa portuguesa, com as mais justificadas simpatias no meio trabalhador e intelectual.

A todos pois as nossas sinceras saudações sindicais revolucionárias. — Pela direcção, o 1.º secretário, António Fernando Júnior

A ELEVACÃO MORAL DO OPERARIADO

Desde que o operariado pelas resoluções dos congressos nacionais se apercebeu que do seu aperfeiçoamento mental muito se elevaria a sua personalidade, logo daí surgiu a conveniência de renovar-se o movimento de educação moral — se a expressão não é imprópria — e por uma nova vida de beleza e elevação mental ele marcar exuberante a sua condição.

Os velhos processos com as festas associativas prodigalizaram ao operariado uma ambiência de tédio, começaram a ser banidos dos seus costumes e ele enveredou por uma vereda que a sua situação exigia.

Iniciaram-se palestras educativas, algumas audições musicais, festivais com um cunho aculturadamente artístico e uma vida nova aureolada de beleza atraiu aos organismos operários ou outros locais uma multidão selecta ávida de sensações novas, ambiciosas de beleza e finura.

O maior valor revolucionário deste novo estado proporcionou uma melhor ambiência valorizando o operariado não só como classe, mas, e sobretudo, como elemento de respeitável envergadura neste turbilhão de ambições.

Alguns fenómenos que a guerra nos trouxe vulneraram esse movimento de aperfeiçoamento, provocando uma crise grande em que um novo estado de alma, infelizmente de confrangedora pobreza, varreu aquela preocupação de tão benéficos resultados.

Salvou-se apenas aquela *élite* já preparada, que foi procurar noutros lugares o lenitivo para os seus prazeres espirituais, afinando a sua sensibilidade, grosseiramente amarfanhada pelo peso brutal do ambiente da oficina. E assim os vamos encontrar nas várias sessões de arte, nos concertos musicais, especialmente nos concertos sinfónicos existentes nos dois teatros de Lisboa.

Enquanto isto se constata, o que vemos pelos vários sindicatos operários, quer nas simples festas de aniversário, quer na quadra carnavalesca que passou?

A organização de festas com programas em que a beleza, a estética, os bons costumes são brutalmente substituídos pela exteriorização da miséria moral que os tipos criados originam. A canção nacional, a dança, as cegadas, a representação de várias peças sem elevação moral nem valor artístico, tudo isso vertiginosamente passa pelo *ecran* sindical, numa inconsciência que pasma, numa sencermónia que assombra.

Não queremos discutir que o fado, nos vários aspectos, a dança, nas várias modalidades sejam repudiados pelo operariado! O que afirmamos, é que se esses divertimentos estão no sentimento (?) operário eles devem ser exibidos fora do ambiente sindical, porque, em vigorosa verdade, eles em nada contribuem para o aperfeiçoamento da mentalidade operária.

Não ousamos também cerrar-nos nesse pesado materialismo da luta no terreno económico, onde o operário apenas existe combatendo pelas suas reivindicações. Entendemos que deve prodigalizar-se a necessária cultura, mas por festas de arte, onde uma rajada de beleza lhe afine a sensibilidade e desenvolva o gosto pelo que de mais elevado possui a arte.

Quando tal conseguirmos a mentalidade do operário não traduzirá crua mente o peso do ambiente da oficina, laivado do materialismo e grosseiro de sensibilidade.

E só assim o sindicato se erguerá ao nível moral da sua condição social, propulsora duma vida de beleza e plena duma pureza de princípio de perfeição humana.

Este movimento de inteligência tem que ser conduzido por todos os militantes operários a quem o problema da educação merece um estudo especial, movimento que deve ser iniciado desviando do âmbito sindical tudo quanto não esteja integrado na sua elevação moral.

O Carnaval e a brutalidade

O Carnaval que passou serviu à maravilha para muito brutinho dar livre expansão aos seus brutais extintos. Houve mulheres, e em grande número, que foram fortemente magoadas e agredidas com essas descomunais colheiras de pau, que muitos dos chamados foliões exibiram. Algumas delas ripostaram, com energia, às agressões, no que fizeram muitíssimo bem.

Tinham sido este ano proibidas as bisnagas de água que pelas suas grandes dimensões, encharcavam completamente as vítimas dessa estúpida brincadeira. Permitiram-se apenas as bisnagas de eter mas logo a selvageria carnavalesca descobriu que atingindo aquele líquido os olhos causavam grande ardor. E de preferência os portadores dessas bisnagas alvejavam os olhos de toda a gente. Os vendedores chegavam a anunciar a venda das mais pequenas, insinuando que elas cansariam maior dór às pessoas atingidas.

São estas brutalidades e outras de igual teor que caracterizam o detestável entrudo que há dias finalizou.

UM ABUSO

Já temos aludido ao caso, e hoje voltamos a tocar no assunto, porque a dignidade e o brio da organização operária o requerem.

Trata-se dumas subscrições que alguns indivíduos andam fazendo pelas casas comerciais, em nome do Sindicato Único da Construção Civil, a favor dos desempregados.

Alguns comerciantes, julgando que, de facto, as subscrições são promovidas pelo Sindicato, têm por mais dum vez dado várias quantias.

O Sindicato repudia, pois, a atitude desses indivíduos, que não conhece, e que andam desacreditando a organização, sem ao menos servir a grande massa de desempregados.

Um silêncio intranquilizador!

A União dos Interesses Económicos continua preparando a eclosão da ditadura!

Fez-se ultimamente silêncio sobre o crime planeado pelas «forças vivas». Esse silêncio não significa que elas tivessem desistido da ditadura que pretendem, violentamente, implantar em todo o país. Esse silêncio não é a tranquilidade e nada admiraria que ele não fosse precursor de graves acontecimentos.

As «forças vivas» continuam preparando o golpe com que esperam colher de surpresa a população e manietá-la. O operariado não deve, portanto, esquecer-se de que o inimigo está à espreita, vigilante, aguardando a hora propícia para a realização do seu negregado plano. Ele confia que o dinheiro tudo vence, e o dinheiro, arrancado à exploração dos produtores e à miséria dos produtores, tem girado, e vencido até alguns dos obstáculos que se erguiam no seu caminho.

As «forças vivas» não esmorecem, nem desistem. Estão habituadas a desprezar o côro universal de imprecações que de todos os lados se tem erguido contra a sua obra de ódio. Tem continuado com os mesmos processos criminosos de comerciar; tem feito subir, apesar da descida cambial, o preço daqueles géneros que ninguém pode deixar de consumir. Isso prova também que elas estão dispostas a roubar a população, mau grado todas as manifestações, mau grado todos os protestos que se têm feito. E é conveniente não esquecer que a ditadura das «forças vivas» visa a amarrar de pés e mãos o povo, para que ele se submeta, sem um protesto, a todas as suas explorações e latrocínios. Que todos os trabalhadores se não esqueçam que, nesta hora em que as nossas liberdades e regalias correm risco, o mais pequeno descuido pode assegurar o triunfo às aspirações ditatoriais das «forças vivas».

E' necessário que todos estejam preparados para responder à agressão que se prepara.

Que ninguém abandone o seu posto!

UMA DITADURA QUE FRACASSA

Passou ontem no Tejo, no barco alemão «António Delíno», o sr. Arturo Alessandri que volta ao Chile a fim de ocupar o seu lugar de presidente daquela república sul americana, que uma «primorizada» de mau gosto dominara durante certos meses.

Entrevistado por vários jornais da tarde, o sr. Arturo Alessandri fez algumas declarações interessantes.

Referindo-se à ditadura militar, chefiada pelo general Altamirano, diz que ela fracassou porque o povo daquela república soube sacudir com energia o jugo que lhe impunham.

Parte do exército, a constituída pelos jovens oficiais, colaborou no movimento contra a ditadura. Uma vez triunfante a revolução contra o general Altamirano, foi o sr. Arturo Alessandri chamado a retomar o seu posto, motivo porque ontem passou no Tejo a bordo do barco alemão.

Perante mais este fracasso duma ditadura, haverá em Portugal quem ainda acalentasse a esperança de nos salvar pela ditadura?

Alguns jornais estrangeiros que se referem ao golpe de estado chileno dizem que no Outono passado já se dera um movimento militar que derrubou o governo constitucional que lutava contra o capital estrangeiro e desde então todo o poder passou para as mãos dos militares.

Sendo todo o proletariado chileno como o elemento mais activo na vida política do país, o governo militar, ao começo, não atentou contra a liberdade da palavra, da imprensa e de reunião das organizações proletárias e chegou até a afirmar publicamente, repetidas vezes, que defenderia, por todos os meios, os interesses dos trabalhadores.

Efectivamente, ao princípio, todas as organizações operárias puderam trabalhar aberta e livremente.

No entanto, este regime não demorou muito tempo. Poucos dias depois o Directorio amordaçou a imprensa operária, prendeu os seus redactores, proibindo todas as reuniões e encetando uma época de terror militar.

Nos fins de Janeiro o «leader» operário Recobarre foi assassinado.

Algum tempo depois o partido liberal negociava com o capital estrangeiro e conseguiu restabelecer o poder do governo constitucional burguês que fora escurado pelos fascistas. E' por isso que Alessandri volta para a Presidência. Mas também não há dúvida alguma de que a burguesia chilena ao recuperar o poder se vê extremamente fraca e incapaz de governar.

CONFERÊNCIAS

“O momento que passa”

Na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão, rua Caetano Palha, 18, 1.º, realia-se no próximo domingo, às 18 horas, uma conferência subordinada ao tema «O momento que passa», o dr. sr. Ramada Curto.

“Arte portuguesa”

O professor dr. sr. João do Couto realiza hoje, pelas 21 horas, a segunda conferência sobre «Arte portuguesa», na Universidade Portuguesa, acompanhada de projecções luminosas. A seguir há sessão cinematográfica. A entrada é pública.

Lê o Suplemento de A BATALHA

OS MORTOS DA CIDADE

Um número terrível

Tem um grande significado o avultado número de nado-mortos em Lisboa

Na sessão de ontem da comissão executiva da Câmara Municipal o dr. sr. Alfredo Guizado deu conhecimento dos seguintes dados estatísticos respeitantes aos óbitos ocorridos em 1924 em confronto com os do ano anterior:

Total de óbitos em 1923: 13.804, sendo 7.432 do sexo masculino e 6.322 do sexo feminino; em 1924: 13.503, sendo 7308 do sexo masculino e 6.195 do sexo feminino.

Tuberculose pulmonar, 1984 em 1923, sendo 1131 do sexo masculino e 856 do sexo feminino e em 1924, 1988 sendo 1219 do sexo masculino e 769 do sexo feminino, havendo uma diferença para mais neste ano de uma pessoa.

Enterite, 967 em 1923 sendo 501 do sexo masculino e 466 do sexo feminino e em 1924, 1053 sendo 534 do sexo masculino e 519 do feminino, havendo uma diferença para mais de 86.

Nada-mortos, 922 em 1923 sendo 540 de sexo masculino e 362 de sexo feminino e em 1924, 1050 sendo 573 de sexo masculino e 477 de sexo feminino havendo uma diferença para mais neste ano de 128.

Regista-se portanto uma diferença de 301 mortos para menos em 1924 sobre o total dos óbitos em 1923, o que é relativamente pouco importante.

Há, porém, um número que tem um terrível significado: é o dos nado-mortos.

O número de crianças, que não chegam a ver a luz do dia, atinge proporções assustadoras. Ultrapassa 50%, sobre o número de mortos pela tuberculose, o número de crianças nessas condições.

Isto significa apenas que é impossível obter uma moidade sábia dum povo que é dia a dia envenenado pelas «forças vivas». Que admiração pode causar esse horroroso aspecto da procriação, numa cidade em que se come bacalhau pôdre, legumes pôdres, pão de lixo e outras mixórdias mais? — numa cidade em que metade da população vive na mais horrorosa miséria porque não lhe retribuem condignamente o seu trabalho?

SAIBAM QUANTOS...

O FUNCIONALISMO MILITAR

Existem oficiais do exército a mais e a Escola de Guerra continua a fabricá-los

Tem-se feito durante muito tempo cavalo de batalha com o elevado número de funcionários civis existente. Deixou-se, porém, no olvido, o que o Estado tem feito com o funcionalismo militar onde existem em excesso, muitos oficiais. Há actualmente 36 generais quando só devia haver 20. Só deviam de existir 100 coroneis e há nada menos de 312. Os tenentes coroneis, são em número de 253 quando só deviam existir 156. Existem a mais 773 capitães e 908 tenentes e alferes!

E' claro que as «forças vivas» não atacam o elevado número de funcionários militares porque não querem descontentar o exército — o exército para o qual sempre apelaram; o exército de que actualmente esperam uma revoluçãozinha que lhes dê a ditadura a que aspiram. Limitam-se a atacar o funcionalismo civil, porque esse não assegura as espaldas e as espingardas para a almejada revolução é sua vítima, pois como consumidor deixa ficar na gaveta dos comerciantes tudo o que ganha.

A culpa de haver tantos alferes, tenentes, capitães, majores, tenentes-coroneis, coroneis e generais não é deles mas do Estado que os nomeia. A culpa é do Estado que ainda conserva abertas as Escolas de Guerra e a Naval — pois na marinha existem também oficiais em excesso — criando todos os anos mais oficiais que nada têm que fazer dado o excessivo número dos existentes. Não sabemos que vantagem possa haver na existência de tantos homens de farda e espada, quando actualmente — sob o critério burguês e militarista — são já em grande número os que estão a mais. Seria uma grande, uma excelente economia o encerramento das Escolas de Guerra e Naval por alguns anos, nada se perdendo, antes pelo contrário, se nunca mais reabrissem.

No funcionalismo civil adoptou-se o asido critério de não nomear mais funcionários. Não se compreende nem se justifica que se adopte critério diferente para o funcionalismo militar. E o facto de continuarem abertas as escolas onde ele se fabrica todos os dias prova que não se põe limite ao acréscimo do parasitismo. E se fôrmos a inquirir porque se não encerram as referidas escolas, iríamos dar com a maioria dos seus professores, feitos pessoas de grande influência, no primeiro plano da política.

Radicalismo...

Hocfle, ex-ministro dos correios e membro do partido clerical da Alemanha, por estar envolvido nos escândalos dos Bancos de Barmat Kutisker, acaba de ver confiscada toda a sua fortuna.

O governo alemão prometeu proceder assim, desta maneira decidida para com todas as personalidades altamente colocadas, que tenham tomado parte em falcitruas.

Se um governo português fosse capaz de proceder de igual modo contra os cavaleiros de «posição» que em Portugal têm praticado actos escandalosos, os conservadores e o órgão das forças-vivas chamavam-lhe radical e bolchevista...

A ESCOLA ÚNICA

Urge estabelecê-la no nosso país

O projecto duma Escola Única é um dos pensamentos mais generosos que pode existir, pois inspira-se num ideal de justiça e tem por fim dar a todas as crianças uma sorte igual na vida.

A República Francesa tem procurado por todos os meios realizar essa igualdade, mesmo sob o regime actual de ensino. Herriot, o presidente de conselho, pode servir de exemplo. Oriundo duma família muito pobre, recebeu uma educação esplendida com a qual pôde alcançar a mais alta posição no seu país.

A democracia francesa recruta a sua *élite*, de há um tempo para cá, em todas as classes, visto que este termo já não corresponde à verdade. Os grandes burgueses são todos filhos ou netos de pequenos burgueses, que por sua vez eram filhos ou netos de operários e de camponeses.

A única «classe» que ainda poderia ser encontrada, seria a dos «nobres» descendentes duma ordem privilegiada; mas tornam-se-iam então cúmplices duma mistificação, pois essa pretendida casta é imaginária.

Segundo o cálculo feito por um jornal francês, não chega a haver em França 400 famílias que sejam descendentes da antiga nobreza; os titulares procederam, no século passado, à maneira de Dianne de Poucy e de Emilienne d'Alençon, isto é, com a cumplicidade dos empregados do registo civil, ou dum simples gravador de braços, conseguiram arranjar a maneira de espantar os ignorantes, os parvos e os criados.

E uma *escroquerie* como outra qualquer e cujas vítimas não merecem ser lamentadas, pois elas ainda conservam um certo instinto de servilismo.

A Escola Única não faz desaparecer as desigualdades que resultam da diferença de fortuna ou da influência dos pais.

Actualmente, nos liceus franceses, em primeiro lugar estão geralmente as crianças pobres que são trabalhadoras e que possuem uma vitalidade intacta. As crianças ricas são cábulas amimadas, preguiçosas, mais ou menos degeneradas, convencidas, pelo menos, da inutilidade dum esforço para o sucesso da sua carreira. Mais tarde irei encontrar na vida os alunos brilhantes sob as ordens dos cábulas ricos.

A Escola Única não resolve a questão do dinheiro, flagelo da sociedade actual, veneno das almas e preciso tomar cuidado para não insuflar na opinião pública o preconceito dos altos cargos e de fazer crer aos camponeses e aos operários que faremos seres superiores dos seus filhos dando-lhes uma instrução reputada «burguesa».

Assim, como é um crime contra a dignidade humana apresentar o trabalho como um castigo ou como uma baixa, também podemos afirmar que a frequência num colégio, após a escola primária, não opera milagres e não transporta as crianças para uma esfera superior.

Nos Estados Unidos, durante todo o século XIX, os homens que fizeram grandes cousas, tanto sob o ponto de vista político, como sob o económico, apenas tinham a instrução primária; agora que os dirigentes saem das Universidades, mandam em virtude da riqueza herdada e não em virtude dos seus talentos.

A Escola Única deve, pois, fundir num só bloco todos os elementos duma nação. A Escola Única deve oferecer às crianças pobres a mesma educação integral que é ministrada às crianças dos ricos.

Mas, para além do liceu, é necessário estabelecer o reino da justiça; é necessário que as reconhecidas capacidades obtenham o seu justo lugar, tanto na cidade como na escola, tanto entre cidadãos como entre os adolescentes; é preciso que as incapacidades sejam eliminadas da direcção económica, política e social.

Empurre-se para a frente os melhores, mas mantenha-se para traz os incapazes, que investidos dum poder qualquer se tornarão malfetores mais tarde.

Em 16 de maio de 1924, os chefes bolchevistas fizeram um decreto, publicado na *Pravda*, a fim de que fossem expulsos das Escolas Superiores os alunos que não mostrassem ter aptidões suficientes: tiveram razão.

Nós devíamos fazer a mesma coisa. As carreiras que são chamadas liberais estão cheias de médicos perigosos, advogados incapazes, falsos artistas e professores sem vocação.

As Universidades e as Escolas Superiores estão repletas de pretendidos alunos, que nada estudam e que a cegueira ou a vaidade dos pais empurram para a preguiça, para o vício, enquanto não se incrustam como parasitas nas engrenagens do Estado.

Esses rapazes deviam entregar-se ao trabalho, na agricultura, nas fábricas, na marinha, que bastante preciso têm dos seus braços e que os tornariam homens com alguma utilidade.

Escola única: a cada um a sua sorte, em proporção do seu verdadeiro valor; chama-se a isto justiça, ou por outra, o interesse da colectividade.

Um novo barco de guerra

Foi ontem lançada à água a canhoneira «Zaire»

Realizou-se ontem, às 16,30 horas, o lançamento à água da nova canhoneira «Zaire».

O navio caiu muito bem na água, apitando nessa ocasião as sireas dos navios que estavam no Tejo.

Assistiram ao acto o presidente da República, alguns ministros, oficiais superiores da armada, etc.

Destina-se a «Zaire» à navegação dos rios coloniais e, no continente, ao serviço de fiscalização de pesca.

E' o sexto barco do tipo «Beira», que sai dos nossos arsenais, e todos, segundo os técnicos, muito bem construídos.

Pena é que a competência dos nossos técnicos não seja utilizada noutras construções bem mais importantes e necessárias.

A CANALHA

Muitas vezes ao descermos o Chiado ou ao virarmos à esquina da rua do Ouro, ouvimos alguém a nosso lado pronunciando: —Esta canalha!

Olhamos em volta de nós e vemos que foi um sujeito de lúva branca, e de porte digno, uma dama envolta em sedas e perfumes, com os dedos repletos de diamantes, um velho militar, ou um respeitável cura, quem pronunciou estas palavras.

Continuamos examinando o que nos cerca para ver se descobrimos a quem aquelas palavras foram dirigidas, mas por muito que investiguemos, não chegamos a descobrir quem irritou a tal ponto o sujeito de lúva branca, a dama perfumada, o militar ou o clérigo.

Quem será a canalha? Todo aquele que ouvir esta palavra: canalha! ficará um tanto ou quanto perplexo e naturalmente a sua imaginação far-lhe-á entervir, fmedietamente, entes sórdidos dormindo nos bancos da Avenida, seres fantásticos repletos de andrôgas esmolando aos cantos das ruas...

Mas como pode ser que a canalha seja formada por esta gente tão pobre e tão resignada? Deve ser enganoso o que dormem nos bancos da Avenida não sabem oprimir o seu semelhante; os que deliram de fome em frente das vitrines dos restaurantes, os que andam quasi nus, não sabem roubar. E no entanto é aos miseráveis, aos párias, aos andrôgas, que eles chamam a canalha!

E durante esse tempo os vampiros nacionais, os assaltadores e envenenadores, os políticos e os assassinos, os ladrões e os cínicos, os bandidos e os opressores, os comerciantes e os industriais, os opulentos e os fanáticos, os parasitas e os inúteis, passam por pessoas respeitáveis e honestas, sinceras e filantropas. Quanto a nós, nunca tropeçamos em nenhum assaltador dormindo nos bancos da Avenida, nunca reconhecemos um mendigo ou comerciante ou um industrial, nunca vimos milionário ou deputado à porta dum quartel esperando as sobras do rancho.

E no entanto, eis a grande, a verdadeira canalha!

A canalha veste de seda, tem automóvel para ir ao teatro, tem palácios e ouro aos montes em sua casa. A canalha encontra-se nas casas de prazer e nos clubs e leva como pergaminhos as notas de Banco e como escudo o ouro que a cobre. Todas as portas se abrem e todos se curvam à sua passagem.

A canalha nunca esteve na prisão, a canalha nunca passou fome, a canalha nunca foi insultada nas ruas pela força pública, nunca esteve presa longos meses sem culpa formada.

A canalha é o merceneiro que ganha 100% nos géneros que vende, e o patrão que rouba o empregado e intruja o produtor, a empresa jornalística que vende a sua consciência e o seu cérebro por um punhado de libras, o comerciante e o industrial que envenenam os seus semelhantes com os seus produtos falsificados.

Os pobres, os vencidos, os que morrem de fome, os que dormem debaixo dos alpendres, esses não são canalhas, são máfres!

Um cão fusilado por se supor que estava raivoso

Apareceu ontem de manhã na Avenida da Liberdade um cão que, tendo-se julgado estar atacado de raiva, foi perseguido por muitos policiais das esquadras da Praça da Alegria e do Teatro Nacional e por civis. Tendo-se o animal refugiado num dos taboleiros de relva da Praça dos Restauradores, resolveram os policiais cercá-lo, impedindo os civis de se aproximarem.

A's 13 horas foi dada ordem do governo civil para abater o cão a tiros de revólver, rompendo os silêntes em acesa fuzilaria contra o bicho que sucumbiu ao número. O cadáver do cão foi para o Instituto Bacteriológico.

Por causa duma cigana

Um homem ferido a tiro

Em Santarém, na rua de São Lazaro, 3, reside o cortador Lúcio Emilio, de 43 anos, natural daquela cidade. Há tempos enamorou-se de uma cigana, o que foi aos ouvidos de Emilio Gigano, que não tendo levado o caso a bem, procurou o Lúcio, vindo encontrá-lo ante-ontem numa taberna de Francisco Baptista, na rua de São Lazaro. Entrando ali o cigano disparou três tiros de pistola contra o cortador, indo um deles atingi-lo nas costas. Prêso o agressor, foi o ferido transportado ao hospital de Santarém, onde foi pensado, vindo ontem para Lisboa, e dando entrada no hospital de São José, onde foi, no Banco, observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo a casa, depois de devidamente pensado.

Rendimentos dos operários

Nun auto da Cruz Vermelha foi conduzido ao hospital de São José, onde recolheu à sala de observações, António Pedro, 39 anos, de Lisboa, condutor de carroças, rua Arco do Carvalho, Casal do Filipe, que na estrada das Laranjeiras caiu da carroça de que era condutor, fracturando a perna esquerda pela coxa.

No Banco do hospital de São José recebeu curativo, seguindo depois para casa, Celestino Dias da Silva, 24 anos, de Angeja, padreiro, que na padaria António Belas, na rua Morais Soares, onde trabalha e reside, foi colhido pela engrenagem de uma máquina de amassar farinha, ficando ferido na mão esquerda.

Amanhã

no Teatro

Amanhã

- Apolo -

às 8,30 e 10,30 da noite

2 ESPECTÁCULOS 2

com a brilhante revista

MOLA REAL

Espectáculo artístico e da maior sensação, pelos encantadores cenários, luxuosa guarda-roupa e ainda pelo notável arranjo artístico que o interpreta, de que faz parte

Amanhã

ELISA

Amanhã

SANTOS

A vacina é um bem? é um mal?

Um protesto contra a obrigatoriedade dessa medida profilática

Escreve-nos o estudante sr. P. Sousa, protestando contra a obrigatoriedade da vacina, a seguinte carta que, na íntegra, passamos a reproduzir:

«Sendo o futuro um livro fechado, para que teimar querer ter desvendado todos os seus mistérios?!

Para que teimar em tornar a vacina obrigatória, quando médicos ilustres — tão autorizados como quaisquer outros, visto que estudaram nas mesmas escolas — veem afirmando que os benefícios que a vacina nos presta contra a varíola não compensam os estragos que produz no organismo?!

Tratar-se há de uma das muitas superstições da Medicina, de um erro profundo, ou de um verdadeiro crime originado por interesses pessoais?

Quem sabe?

Nesta dúvida se debatem milhares de cérebros e em muitos se vai arreigando a convicção de que não vale a pena, para profilaxia de uma doença que qualquer indivíduo por meio de uma vida regrada e higiénica pode combater, introduzir no organismo um veneno que produz uma verdadeira infecção do sangue, uma doença análoga à sífilis, que tem vitimado milhares de crianças e aumentado a mortalidade da raça!

Obrigar um indivíduo a vacinar-se quando nele existe esta convicção é um crime e tanto maior quando é imposto por um patrão aos seus empregados ameaçando-os de ficarem sem trabalho, impondo-lhes, portanto assim, a miséria e a fome. E esses patrões, são apologistas de uma coisa que eles não conhecem, porque nunca a profundamente, são os próprios que impõem aqueles que por gosto ou por motivo da sua desgenerência física, estudaram e profundamente esse assunto e que não desejam submeter-se à sua ignorância, a doença que tanto queriam evitar ou outra qualquer, porque atrás da miséria e da fome vem a doença e a morte.

E que irrisório é tudo isto para aqueles que estudam, quando vêm esse patrão tão amigo da profilaxia, obrigar os seus empregados a verdadeiros atentados contra a higiene!

Mas, deixemos os patrões e os empregados e olhem para o povo em geral: a sua higiene, alimentação e habitação, tudo isto é desprezado pelos poderes públicos. Escusado será mencionar aqui o que vai por esse Mundo e que todos mais ou menos conhecem.

E, é no meio deste desleixo, deste desprezo pela saúde do povo, que se quer impor uma coisa que talvez fosse desnecessária para lhe fazer bem e que lhe faz mal com certeza, porque não é inofensiva.

Que direito tem qualquer criatura, por mais elevada que seja a sua posição na escala social, de querer impor pela força a outrem o seu pensar, ou de lhe tocar no seu organismo, ainda que seja para seu bem?

Porque não deixar a cada um o direito de se vacinar ou não?

Estou certo de que, se todos os médicos fossem conscienciosos e apontassem aos seus consultantes os perigos da vacina e as mortes que ela tem originado, uma verdadeira campanha se levantaria e os seus tão apreçados benefícios destruídos.

Se Jenner, descobridor da vacina, em vez de um barbeiro, de um profano que era, fosse um médico, nunca faria alarde dos seus méritos, porque ao descobri-la lhe beneficiou grandes notórias prejuízos ainda maiores.

Se a Jenner, portanto, esse erro deve ser perdoado pela sua ignorância e pela época em que viveu, aos médicos actuais se deve atribuir todos os males que ele nos pode causar, pois são eles hoje que no-lo querem impor, não pela razão mas sim pela força.

Continuar neste erro, nesta imposição, é um verdadeiro atentado contra a saúde, liberdade e direitos humanos. — P. SOUSA.

Não gostamos de meter force no seara alheia, motivo porque nos abtemos de nos pronunciarmos, pró ou contra, neste assunto. Nada percebemos de medicina, nem é essa a nossa profissão. O assunto deve ser tratado pelos médicos, uma vez que entre eles não existe um acordo sobre a vacina, visto ainda não terem cessado as apaixonadas discussões travadas pelos que a defendem e pelos que a atacam.

Ora quando os médicos sobre este ponto ainda não se entendem e, portanto, a dúvida persiste, seria absurdo da nossa parte afirmar dogmaticamente que a vacina é boa ou que, pelo contrário, é nociva.

Há um ponto porém em que não temos receio de nos pronunciarmos: a obrigatoriedade da vacina. Somos francamente contra ela, como o somos de resto contra todas as imposições. Ninguém deve ser obrigado a vacinar-se.

E quanto aos industriais que pretendem ordenar aos operários essa medida profilática não deixamos de notar a incoerência do seu procedimento, pois nunca trataram de tornar higiénicas as suas fábricas. E algumas delas são autênticas alfurjas...

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA" VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Eden Teatro

(Telefone Norte 3800)

HOJE — INAUGURAÇÃO

ESPECTÁCULOS POR SESSÕES

às 10,45 (8 3/4) e às 22,45 (10 3/4)

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da música de ERNESTO RODRIGUES

e de J. BERNARDINOS

música de CARLOS CHABERON

A SEMANA DOS 9 DIAS

desempenhada por toda a

Companhia OTÊO DE CARVALHO

e com encenação d'esse artista

Variados cenários

lindíssimo guarda-roupa de JIMMY VANVERDE

PREÇOS POPULARES

A seguir, em espectáculo íntimo: Sexta artística de Adelinha Seraphina, dom a 2.ª representação de "A SEMANA DOS 9 DIAS" e o quadro "Little Palace", da revista "OITO JOGOS".

A ferocidade da polícia

São afinal os guardas quem provocam a desordem

Inúmeras vezes temos demonstrado que a polícia, mercê de quem dirige e a incita, pratica dia a dia verdadeiros atentados contra a ordem pública que diz defender.

As desordens são na maioria dos casos provocadas pelos guardas que depois lançam as culpas sobre as vítimas.

Para que não julgemos que temos obsessão da polícia e que a atacamos por sistema, transcrevemos do *Diário de Lisboa* de ontem as referências que aquela gazeta da noite fez ao tribunal dos pequenos delictos e ao procedimento dos guardas:

«Afinal, nos julgamentos do chamado Tribunal dos Pequenos Delictos, quem faz, em boa verdade, as vezes de juiz, não são os delinquentes mas sim os polícias que os prendem».

Chega a parecer, assistindo à cerimónia, que os acusados, se algum delicto cometeram, foi o de se deixarem processar de propósito para comprometer os agentes da autoridade na hora perigosa do ajuste de contas.

Ontem, por exemplo, houve audiência. Responderam uns tantos reus, e de tudo quanto lá se disse e provou só veio averiguar-se que os polícias captivos, não estavam em seu juízo quando procederam, ou percebem tanto do seu officio como o sr. Sá Pereira percebe de cousas de teologia.

Factos demonstrativos:

Um reu, Rapaz ainda, descalço, esfaixado; a cabeça entapada em ligaduras ensanguentadas.

— Quem o agrediu?

— Foi o guarda n.º 758 que me abriu a cabeça com a coronha da pistola.

— Entrou a guarda das coronhas. E o juiz?

— Porque bateu nesta criatura?

Um sorriso, que tanto pode ser de idiota como de perversidade, e estabeleceu-se dialogo:

— Eu estava numa taberna. Ele entrou e perguntou-me se bebia ou pagava dois de cilitros...

— Você bebeu?...

— Perguntei-lhe de onde me conhecia. E vai daí... «obsta-me» ele: pois sou da sua criação e já andei consigo a carregar mactações.

— Foi por isso que lhe bateu?

— «Stá claro! Primeiro chamei-o cá fóra e arremeti-lhe um «estalo»; depois, como ele fugisse, agarrei-o e... nesta altura é que «comei»!

Também ontem a Tarde publicava a seguinte notícia:

«Anteontem à noite o guarda n.º 1755, Manuel Ferreira, da esquadra dos Anjos, embriagado-se, começou a agredir quem passava pelo local onde se encontrava de serviço. Desarmado por outros colegas faltou ao respeito aos seus superiores, quando chegou à esquadra.

Hoje reuniu o conselho disciplinar que resolveu que o 1755 fosse expulso da corporação».

Como veem o guarda não foi expulso por agredir quem passava. Que importa as agressões? Foi expulso por ter desobedecido aos superiores...

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, os advogados drs. Sobral de Campos e Campos Lima, darão consultas jurídicas a todos os operários confederados que delas necessitem, tendo para isso que apresentar as respectivas cadernetas em dia.

VIVETTE

É com esta peça, original do escritor Jacques Deval, traduzida por Carlos Borges, que deve subir à scena do Nacional, na próxima quarta-feira que reaparece a actriz Gremilda de Oliveira, há tantos meses afastada dos nossos palcos.

Minas de São Pedro da Cova

Foi dinamitada a canalização de água da Empresa

Segundo comunicações recebidas ontem em Lisboa, foi dinamitada a canalização de água que alimenta diversos maquinismos da Empresa das Minas de Carvão de São Pedro da Cova.

Verificou-se ter sido arrombado o paíol das minas, donde foi retirado a dinamite empregada.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

SINTRA, 25.—Faleceu ontem o carpinteiro Joaquim da Bica, vítima de uma pneumonia dupla.

Realizou-se ontem o funeral, que foi muito concorrido, fazendo-se representar várias agremiações e o Sindicato da Construção Civil por Carlos Araújo.

FUNERAIS

Realizou-se na terça-feira para o cemitério da Ajuda, o funeral da mãe de Emídio Pereira, operário do Arsenal de Marinha. No funeral, que foi muito concorrido, fizeram-se representar o pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional e várias colectividades.

Coliseu dos Recreios

AMANHÃ SÁBADO AMANHÃ

ESTREIA

— DA —

NOVA COMPANHIA DE CIRCO

ULTIMAS NOVIDADES MUNDIAIS

BILHETES À VENDA

O fim dos que trabalham

Um operário vivendo numa miséria extrema por se ter gasto no trabalho

Relatam-nos o seguinte:

Albertina Alves é uma sua filha de 9 anos, de nome Júlia Alves, vivem há alguns anos na companhia de Adelino Mota, marítimo.

Este, devido ao estado horrível em que se encontra de uma perna, e ao peso dos seus 60 anos de existência, há muito que está impossibilitado de trabalhar. A sua companhia de infortúnio, no simpático intuito de o auxiliar para que a fome não lhes invadisse, de todo, o empobrecido lar, resolveu-se ir trabalhar, a dias, em diversas casas particulares.

Em uma delas, porém, como a dona da casa se conducesse de tanta miséria, depois daqueles desgraçados terem sido despedidos do fúlgubre pardeiro em que habitavam ali para os lados do Casal Ventoso, recolheu-os em sua própria casa.

Passado pouco tempo a dona da casa, servindo-se de um pretexto qualquer, pôs na rua sem procurar saber se aqueles três entes tinham ou não onde se recolhessem.

E assim, não tendo onde se recolher nem cama onde dormir, foram as três vítimas desta ignóbil sociedade procurar o leito nas gelidas pedras do passeio, junto à estação telegráfico-postal do Rossio, onde dormem ao frio há mais de oito dias!

O pobre Adelino Mota que tem a perna esquerda numa completa chaga devido a terem-lhe rebentado as varizes, necessita recolher a um hospital; a sua companhia encontra-se doente e com febre, e a sua querida filha se bem que ainda aparente ter alguma saúde, encontra-se cheia de fome, delirando-se assim lentamente!

E' um verdadeiro horror! Uma verdadeira desgraça!

Eis o fim de todo aquele que gasta uma vida inteira a trabalhar para assegurar o conforto e o luxo aos que só sabem produzir calamidades, para esses que os servem.

Depois do instrumento da sua riqueza estar já gasto, lançam-no ao lixo.

E quem sempre trabalhou para enriquecer os outros vê-se no fim da vida sem lar, sem pão, forçado a dormir na rua como um cão vadio e, quasi sempre, a viver da caridade que humilha.

DENTES ARTIFICIAIS

Em 2500. Extracções sem dor, a 1000. Consulta especial das 10 a 1. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 a 5, consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

Os assaltos aos clubs

Fomos procurados por um grupo de camaradas que nos assegura que os indivíduos indigitados como assaltantes dos clubs são completamente alheios à organização sindical, não sendo, pois, verdade que estes tenham sido cometidos por indivíduos pertencentes a organismos de carácter proletariano.

DESPORTOS

Futebol Brasileiro

Passaram ontem por Lisboa a bordo do navio holandês «Zelandia» com destino à Taça, a valerosa *equipe* do Club Atlético Paulistano, vencedora, mais de uma vez, do campeonato de futebol do Brasil. Talvez por desconhecimento da sua passagem, ontem no Tejo, não tiveram a saúde-lhes nenhuma representação oficial da organização desportiva portuguesa, como mereciam.

Destinam-se a Paris, onde no dia 15 de Março efectuar o seu primeiro encontro com a «Seleção da França», propondo-se realizar mais dez desafios em várias cidades francesas e belgas, donde só regressarão depois de 25 de Abril.

Só então, na volta, contam poder em Lisboa efectuar alguns jogos, talvez amados já com a satisfação de haverem batido a «Seleção do Uruguay» detentores do campeonato mundial, cujo encontro se realizará em Paris a 25 de Abril, e que os «Paulistanos» vão dispostos a bater.

Em Espanha

Foi definitivamente ganho pelo «Barcelona», no desafio efectuado na terça-feira, à porta fechada, contra o Tarrassa, o campeonato da Catalunha. O Barcelona, tendo vencido o Espanhol, o favorito do campeonato, por 1-0 ficou logo em condições de contar como certa a classificação de campeão.

A sua vitória sobre o Tarrassa, de 6-3 e o resultado alcançado no domingo pelo Espanhol, empatando com o Sabadell por 1-1 proclamou-o campeão. Considerado de principio o Espanhol como triunfador, os últimos resultados da segunda volta, vieram surpreender muita gente e, verificou-se por fim que o Barcelona afastado cinco pontos do favorito, veio afinal a ganhar o título ambicionado!

O que é o destino!

O Madrid e o Porto-Lisboa Militar

Parece que sofreu alteração, a data do encontro Lisboa-Madrid militar, para 22 do próximo mês, e confirma-se a notícia por nós dada da criação do encontro Porto-Lisboa militar, marcado agora para 29. Segundo informações que temos, a organização da linha representativa da guarnição de Lisboa, que se há-de encontrar com a de Madrid, deixa muito a desejar, não sendo os treinos efectuados de molde a imprimir ao grupo os conhecimentos de técnica, a ligação comum, necessária a valorizar uma linha que se deontaria por certo, com uma representação madrileña superior às anteriores. Agora surge, ainda por cima, uma alteração na data do encontro, que vem diminuir em uma semana a preparação da *equipe*, atirando-se-nos mais acertado que em lugar de anteceder a data para o Lisboa-Madrid se fizesse antes o Porto-Lisboa militar, podendo esse encontro constituir um bom treino, fornecendo uma boa indicação para a constituição da linha que se deontaria a 29 — primitiva data — com a da guarnição de Madrid.

E' uma opinião que consideramos sã, mas que não terá valor, visto mandar quem pode e quem sabe!

Foi alegríssima a noite de ontem no Nacional, onde se realizaram bailes de máscaras, que terminaram de madrugada, sempre no meio da maior folia e animação. Hoje, representa-se a celebrada peça «Ingleses...» e os mesmos bailes de máscaras que estão marcando em Lisboa.

Teatro Nacional

HOJE

EMOCIONANTE ESPECTACULO COM A SUGESTIVA PEÇA

INGLESES...

ÓTIMA INTERPRETAÇÃO — CON JUNTO HARMONIOSÍSSIMO

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Coliseu dos Recreios

Reabre amanhã as suas portas ao público, com uma nova companhia de circo, o popular Coliseu dos Recreios, a casa predileta do público pela variedade dos seus espectáculos e pela arte, alegria e animação que os reveste. No programa da nova companhia, que foi organizada com extraordinário esmero, fizeram números da mais absoluta novidade entre nós, como sejam o dos «Quatro Sifides» que executam os mais assombrosos vãos pela vasta sala do Coliseu, o do célebre cossaco Andage que apresenta novos e originais trabalhos com dois soberbos cavalos e o do notabilíssimo artista Fred Carr que executa uma sensacional fantasia eléctrica que tem sido o assombro dos homens de ciência. A' nova companhia de circo está certamente destinada um sucesso igual ao que tem alcançado nos principais circos do mundo.

A estreia de D. Ester Monte e Freitas no Teatro «Juvenia»

No teatrinho «Juvenia», a que Araújo Pereira dá seu esforço e seu sonho, estreiou-se a semana passada, na peça «A cidade», D. Ester Monte e Freitas, senhora de fino temperamento artístico, que revelou grandes qualidades scénicas.

Fazendo o papel da protagonista da peça, D. Ester Monte e Freitas conseguiu fazer-se admirar pelo selecto público que a escudou.

Reclames

A graciosa comédia «Ingleses» de Lorj Tavares tem hoje no teatro Nacional a sua ante-ultima representação, pois já depois de amanhã sai do respectivo cartaz para dar nele lugar a «Vivette» em tradução do dr. Vasco Borges, *Ingleses* sai de scena ainda em pleno êxito da sua *represê* pelo que não se espera ainda três noites de grande êxito.

Hoje no Eden Teatro, inauguram-se os espectáculos por sessões e a preços populares, indo à scena pela primeira vez, ali, a graciosa música de Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes «A semana dos 9 dias», peça que faz rir a valer, sem recorrer ao dito inconveniente, ou a qualquer situação.

Por doença da actriz Guilhermina Paiva não se realizou ontem espectáculo no teatro Apolo, tendo ficado para hoje as estreias dos quatro novos números com que foi enriquecida a magnifica revista «Mola Real» que é a peça de maior graça que tem ido à scena, nos últimos tempos, no popular teatro da rua da Palma.

A gentil actriz Adelinha Fernandes, que actualmente brilha como primeira figura feminina da companhia do Eden Teatro, realisa ali, a sua festa artística com um espectáculo completo e repleto de atrações, pois consta da 1.ª representação da música «A Semana dos 9 dias».

INSTRUÇÃO

Foram criadas escolas de ensino primário geral, em Barras, freguesia e sede da vila de Taboa, para instalar no edificio que Alfredo Morgado tomou o compromisso de mandar construir e doar ao Estado, devendo ser nomeada para a sua regência a professora sr.ª D. Maria das Dóres Gonçalves, escolhida pelo doador; em Barqueiro, freguesia de Maços do Caminho, concelho de Alvaizere, para ser instalada no edificio doado ao Estado por Francisco Rodrigues, devendo ser nomeada para a sua regência a professora sr.ª D. Maria Flor da Luz Martins. Também foram criados dois lugares de professor na escola feminina de Ponte de Sôr, um segundo lugar na escola de Burgo, concelho de Arouca, e outro segundo lugar na de Malcata, Sabugal. Este novo lugar e o já existente na mesma escola serão instalados no edificio doado ao Estado por João Alberto Pereira e a professora D. Adriana da Ascensão Madalena Tavares.

Foi posta a concurso uma vaga de professora efectiva de 2.º grupo do liceu feminino de Coimbra.

Associação de Socorros Mútuos dos Marceneiros — Refine hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para apresentação de contas e eleição dos corpos gerentes.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação de Socorros Mútuos dos Marceneiros — Refine hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para apresentação de contas e eleição dos corpos gerentes.

MOLA REAL

Grande successo está fazendo esta revista em scena no Apolo; hoje, nas duas sessões, quatro espirituosos números novos; rir a perder com as piadas do «compêre» o popular actor José David.

SOLIDARIEDADE

Uma festa na Casa dos Trabalhadores de Coimbra

COIMBRA, 25.—Promovida pelo grupo dramático «Os Metalúrgicos», realizou-se no passado sábado e segunda-feira seguinte, no teatro da Casa dos Trabalhadores, uma interessante festa cujo produto se destina a praticar a solidariedade entre todos os camaradas vítimas das injustiças sociais.

Representou-se o entre-acto de carácter social «Os dois operários» e a engraçada comédia «Proezas de Rita», tendo agradado bastante. A apresentação do grupo foi feita pelo camarada Adolfo de Freitas, que numa pequena palestra sobre o tema «Solidariedade», explicou os fins que presidiram à constituição do referido grupo, tendo-se em seguida representado as peças de que acima falamos.

Com a inauguração deste grupo muito lucrrou a Casa dos Trabalhadores, que assim viu a sua instalação de luz eléctrica e outros melhoramentos que a vão tornando mais agradável e confortável, pelo que felicitamos os empreendedores desta obra que se impõe.—C.

Refine hoje a comissão delegada do Sindicato Unico Metalúrgico e promotora da última festa, a fim de ultimar os respectivos trabalhos.

UMA PERSEGUIÇÃO

O Sindicato da C. Civil, como não tem sede própria, reúne na sede de um grupo de futebol.

Como os sócios são em grande parte comerciantes, foi notificado ao sindicato que não poderia mais reunir na dita sede, a pesar-de da direcção fazerem parte componentes da mesma indústria.—C.

FACTOS DIVERSOS

Concurso de cegas

Realiza-se amanhã sábado, 28, pelas 21 horas, no Club Recreativo Musical 6 de Setembro de 1935, R. do Conde, 39, 1.º, um grandioso concurso de cegas.

Congresso de oureiros

Incicia os seus trabalhos a 1 de Março na cidade do Porto. Sairá um número especial da revista de especialidade «Esmeralda».

Teatro Nacional

HOJE

EMOCIONANTE ESPECTACULO COM A SUGESTIVA PEÇA

INGLESES...

ÓTIMA INTERPRETAÇÃO — CON JUNTO HARMONIOSÍSSIMO

'A Batalha' na provincia e arredores

Santarém

Um industrial desordeiro

SANTAREM, 20.—O sr. Manuel Trinta — que trinta diabos o levem — está atacado duma formidável fobia pelo novel sindicalista e desprestível inimigo da organização operária não hesitou em descer ao insulto pessoal, tendo especulado junto dos outros industriais para que persigam os dirigentes do sindicato. Este respeitável «força viva» chegou já a provocar o operário Gaspar dos Anjos, com o qual se envolveu numa scena de pugilato.

Este industrial é o que menos regalias concede ao seu pessoal. Que se prevénham os que às suas ordens venham a trabalhar. —C.

Coimbra

Pelo Ateneu Comercial

COIMBRA, 25.—Na passada quinta-feira reuniu em assembleia geral esta colectividade para tratar diversos assuntos tendo recebido o primeiro embate com as hostes adversas, o grupo «Renovador» a que há dias fizemos referências.

A assembleia que esteve concorridíssima mereceu nos especial atenção pelos assuntos que nela se trataram assim como pela acção benéfica do grupo a que acima nos referimos, que marcou exuberantemente os seus propósitos são de propaganda sindicalista e educação revolucionária dos trabalhadores do comércio.

Como porém era de prever a assembleia esteve reñhedíssima, não tendo terminado a bem, pois era 1 hora da madrugada quando a mesma foi interrompida por fortes protestos dos «fascistas e baltarinos» que dominam e que se agarram à última tábua de salvação, o que nos satisfaz, e promete para os interesses da classe.

Sobre este assunto, pois tem de haver continuação de assembleia, breve diremos mais qualquer coisa, pondo todos



Educação profissional

Falar de educação profissional quando um sopro de mediocridade obliterou as faculdades dos nossos contemporâneos é arrostar com o desdém dos espíritos cépticos e propensos às leituras emotivas.

Resistamos todavia a essa onda avassaladora e iniciemos a análise ao problema que tanta gravidade oferece.

Podemos considerar como primeiro factor do estado de insuficiência mental e profissional do operariado as condições morais que ele hoje vive nas oficinas. Não se pode, francamente, perante a promiscuidade das mesmas onde moureja exigir-lhe uma maior capacidade profissional, quando esses centros de cultura (?) oferecem um espectáculo verdadeiramente conflagrador a todos que se interessam por estas questões profissionais a que a elevação moral e profissional do operariado está ligada.

O operariado saído desse turbilhão que é a existência da classe operária, desprovido de capacidade mental, sem uma réstea de cultura é lançado para as oficinas em procura de alguns escudos com que equilibre a receita semanal do lar a que pertence.

Caído brutalmente na vida oficial, ainda em criança, o seu débil cérebro mantém-se numa permanente luta entre o dever de produzir e a necessidade de fazer-se homem digno do seu tempo. Mas quantas vezes é repellido, quando vezes luta esforçadamente para não fenececerem todas as suas energias pelas condições repulsivas que os aspectos da oficina oferecem.

A sua sensibilidade, que ali podia afinar-se, que ali podia encontrar o maior propulsor, é infelizmente negada pela grossaria nos processos de trabalho, pela degradação das suas condições morais, pela vergem da sua própria vida.

Ali não existe o gosto pelo trabalho, a finura de processos que lhe provoque uma mentalidade subtil plena de beleza e magestade.

O Trabalho, esse cântico sublime tão elevado na Vida, só é vivido vegetativamente, e pela multidão a quem a sua capacidade moral ainda consegue vencer o peso da oficina.

Só quem viveu a oficina pode ajuizar das condições degradantes da existência operária, especialmente nos grandes centros.

Só quem não viveu o íntimo da vida desses centros de trabalho desconhece a promiscuidade aviltante que embrutece o operário e desenvolve todas as taras mórbidas que a ancestralidade lhe legou.

Centenas e centenas de oficinas oferecem um perigo constante à existência dos trabalhadores desprovidos de capacidade, sem ventilação, sem luz, sem as mais rudimentares noções de higiene são o factor da sua débil craveira moral e profissional.

Quanto mais essas oficinas provocam, às vezes, em trabalhos bastante delicados?

Quanto mais ruidosos se fabricam pelo rudimento dos processos de fabrico e da grossaria dos instrumentos de trabalho?

Quantas enfermidades geradas na promiscuidade das oficinas, nas retretes, nos lugares onde se encontra a água que devem ingerir, cujos recipientes são uns verdadeiros focos de infecção?

E todavia esses artefactos que embelezam os salões, que guardam os lares mantêm ainda um sério equilíbrio estético devido a um poder grande de intuição de que o nosso operariado é possuidor.

Há, pois, caro leitor, uma revolução profunda a operar nas oficinas, quantos às condições que vamos focando e que tanto influem na educação do operariado.

Esta também tem que estruturalmente ser modificada, criando-se uma ambiência profissional que desenvolve as suas faculdades artísticas.

Para isso é mister criar-se aulas de educação, e reivindicar do patronato condições melhores para o aprendizado, deixando este de ser aprendiz de carga para se integrar no bom gosto pelo trabalho e nos necessários conhecimentos industriais que o adestrem para a profissão que escolheu e que o deve atrair e não repellar.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa

Para efeito de colocação, são convidados todos os operários inscritos sem trabalho a comparecer hoje na sede do sindicato, pelas 16 horas.

A baixa de salários e o custo da vida em Benavila

BENAVILA, 25. — Os géneros de primeira necessidade que baixaram uns centavos há uns tempos, voltaram a subir como a farinha e o azeite.

Os salários, que eram de 10\$00, baixaram para 8\$00 e 7\$00 logo que essa insignificante baixa se verificou no preço dos géneros.

E os senhores lavradores, que tam apressados foram em reduzir os salários nessa altura, procederão agora com a mesma celeridade ao aumento dos mesmos salários? — C.

Construção civil de Sintra

SINTRA, 25. — De nada serve um edital afixado há tempos pela câmara, sobre a limpeza de prédios.

Os proprietários preferem pagar a multa de 100\$00 a fazerem as necessárias limpezas e reparações.

Entretanto continua a verificar-se a crise de trabalho na indústria da construção civil. — C.

Uma sessão de protesto no Sindicato Rural de Cano

CANO, 24. — Com grande concorrência reuniram ontem no respectivo sindicato os rurais desta localidade para apreciarem a crise de trabalho e baixa de salários.

Presidiu António Jacinto Dias, tendo secretário Francisco Mendes Raposo e João da Silva Bonzinho.

O presidente, em breves palavras, referiu-se às causas determinantes da crise de trabalho, combatendo igualmente a indiferença de alguns trabalhadores perante o momento que passa, de excepcional gravidade para o proletariado.

Francisco Mendes Raposo, o primeiro orador, critica a incompreensão da juventude sindicalista ante o problema sindical, pois a mocidade trabalhadora desta localidade não empresta à organização sindical o esforço indispensável ao seu engrandecimento.

João da Silva Bonzinho combate o alcoolismo, causa da degenerescência da espécie. Ataca o catolicismo pelo embrutecimento que provoca na multidão ignara, terminando com um vibrante apelo a todos os trabalhadores para que se unam em volta do sindicato.

António Carriho tem palavras de dura reprovatória aos actos que envergonham a causa dos trabalhadores, infelizmente ainda praticados por alguns operários desprovidos ainda do sentimento de responsabilidade.

Aprecia a crise de trabalho, reportando-se às razões especiais que a determinaram. Descreve, em frases sentimentais, a miséria que invade já muitos lares cujos chefes há longas semanas não têm onde ganhar as jornas. Todavia, parecendo viver-se no melhor dos mundos, um brado de revolta ainda não ecoou de maneira a fazer apereber o patronato e as autoridades da gravidade da situação.

João A. Romão, dos rurais de Fronteira, borda largas considerações sobre a crise de trabalho e a situação do operariado.

Refere-se à grandiosa manifestação de Lisboa, exaltando o seu significado moral. Termina fazendo uma interessante exposição sobre os deveres do operariado perante o terrível flagelo que é a crise de trabalho, sendo no final muito aplaudido.

A sessão foi encerrada aos vivas à C. G. T. e revolução social. — E.

FUNCIONALISMO MUNICIPAL

A organização de serviços

Há dias, na Câmara Municipal de Lisboa, quando se discutia a organização dos respectivos serviços, sustentou um vereador, criteriosamente, que essa discussão não se devia fazer, sem que os tribunais se pronunciassem sobre o recurso movido pelo funcionalismo municipal contra a suspensão, por parte da mesma edilidade, de uma organização de serviços que foi aprovada pela anterior veredação do município.

Objectou outro vereador que essa discussão podia fazer-se, visto os funcionários terem perdido o seu recurso.

Colheu esta afirmativa, infelizmente, e a discussão não se interrompeu o que, sobre saltou os funcionários da câmara.

Sucede, porém, que a afirmativa a que nos reportámos, era absolutamente infundada, pois, no tribunal da Relação de Lisboa, obteve o sábio o recurso dos funcionários municipais uma sentença inteiramente favorável.

Esperam estes, agora, com razão, em face da sentença que o seu recurso obteve, que a actual veredação suspenda a discussão da organização de serviços que está discutindo, e que de inteiro cumprimento, como é de justiça e manda a sentença a que nos referimos, a organização que indevidamente suspendeu.

Vamos a ver o que tudo isto dá.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Empregados no Comércio de Sintra

SINTRA, 25. — Continuam com entusiasmo os trabalhos para a organização do sindicato dos Empregados no Comércio.

Uma classe espera conseguir o estabelecimento das regalias que nas outras localidades e em outras classes já existem, como o descanso dominical e o horário de trabalho.

Na última sessão foram nomeadas comissões de vigilância para as áreas de São Pedro e Estefânia.

Brevemente reunirá a assembleia magna dos Empregados no Comércio para discussão dos estatutos. — E.

PÁGINAS ALHEIAS

Legislação do trabalho

por PEDRO ESTEVE

Não obstante o facto de que a lei nunca protegeu a classe trabalhadora existindo ainda muitos operários que dela esperam melhoramento e salvação. Eles esquecem-se de ver que as leis foram e serão sempre uma limitação às actividades humanas, que elas só foram feitas e postas em execução quando as massas por meio dos seus esforços tinham obtido mais do que a lei lhes pretendia garantir.

Tomemos, por exemplo, a lei das greves que presentemente se implantou em vários lugares.

A greve foi outrora uma arma ofensiva de que podíamos fazer uso à nossa vontade. Naquele tempo os capitalistas, não satisfeitos com a pobreza e com as traições no campo dos grevistas, tinham por seu lado o governo, que em nome da liberdade do trabalho, (o inalienável direito de todos os homens ao trabalho, como Jack London o expôs no *Scab*) e da veneração do direito de propriedade, fazia uso da policia e da magistratura para prender os mais inteligentes e decididos sustentáculos das greves.

Perceberam então os capitalistas que aqueles impedimentos juntos com mil outros accidentais a cada greve, eram ainda insuficientes, porque, a despeito deles, os trabalhadores conseguiam obter as suas reclamações. Consequentemente, foram decretadas as leis de greve.

O objectivo aparente foi legalizar o direito à greve: o resultado foi que a greve regularizada desta forma se tornou mais difícil de ganhar — as novas leis obrigaram os grevistas a darem a noticia antecipada das suas intenções, a fim de que os patrões tivessem tempo de tomar as necessárias precauções e de se prepararem convenientemente para o conflito.

E como esta são todas as leis.

Trabalhadores reúnem-se pública ou secretamente para contrariar os projectos dos seus exploradores, não permitindo que estes ou o governo intervenham ao saibam como decorrem tais organizações. Imediatamente o direito de formar associações deve ser legalizado e nós temos uma lei de associação. Que é o mesmo que dizer: uma lei que regula as organizações dos trabalhadores e as obriga a terem os seus estatutos aprovados pela autoridade competente. Depois de legalizados ficam sujeitos a tais restrições que o governo — e o governo procede sempre conforme a vontade dos capitalistas — pode dissolvê-las e pôr em qualquer momento um fim às suas actividades.

O mesmo aconteceu com a lei da convocação de comícios. Esta obriga os trabalhadores a notificarem onde, como e quando realizarão um comício, a fim de que as autoridades possam enviar os seus representantes para deterem os oradores, se lhes agrada, ou dissolverem o comício, se isso lhes der na cabeça.

As leis de educação proibem-nos fundar escolas com programas em desacordo com os das escolas oficiais.

As leis postais proibem-nos enviar a correspondência por uma outra via que não seja a governamental. Isto permite à autoridade violar a correspondência particular, confiscar cartas e suprimir igualmente jornais.

Em resumo, não há lei que não seja opressiva e que não prejudique directa ou indirectamente aqueles que pretende beneficiar.

Se ainda gozamos dumas certas liberdades, é unicamente porque os nossos governantes não se lembraram de as legalizar. Eles o fariam no dia em que acharem que nós fazemos um bom uso delas. Será esse também o dia em que eles limitarão a nossa liberdade, garantindo-a com umas poucas de leis a mais.

As leis foram, nunca e serão sempre a limitação do direito, nunca a sua garantia. Não pode ser doutra forma, porque legislar é fixar regras a que todos ficam sujeitos (ou às quais se supõe que ficam) e todo aquele que está sujeito não é livre. Por meio da aplicação das leis nós descobrimos os que são e os que não são livres.

Há também leis que servem unicamente como engodo para apanhar os incautos. São as chamadas «leis de protecção».

Secção telegráfica

C. G. T.

Francisco Dias — Vamos mandar fazer o carimbo. D. C. D. Porto — Segue vale na importância pedida.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Limoeiro — Presos sociais — Sobre o vosso offico communicamos-lhes que o preço de que tratam não tem a menor importância para o Conselho Confederal. Sobre a ida de um delegado vi brevemente, mas não é por efeito da indecência do mesmo offico que ficou isto bem anotado.

Fronteira — Trabalhadores Rurais — Recebemos vosso offico sobre a multa.

Lisboa — Manipuladores de pó — Recebemos vosso offico, queiram dizer quem é o camarada que vai a julgamento e qual o delicto.

Federações

MOBILIARIA

U. S. O. de Faro — Pedimos respondam com urgência ao offico que enviamos nesta data.

S. U. Mobiliário do Porto — Segue expediente e offico.

S. U. Mobiliário de Braga — Aguardamos resposta ao offico enviado.

CARRIS DO PORTO

Os operários e as eleições

AGUAS SANTAS, 24. — Informam-nos que o Severiano, da Carris do Porto, intimou o pessoal da companhia a recusar-se para as eleições sob pena de suspensão a quem o não fizer.

Irão os operários, como cordeirinhos, meter o papelinho na urna, para satisfazer esse cavalheiro? — E.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 2 desta revista intitulada «Florescimento», de Federica Montseny.

PREÇO: \$50. — Pedidos à administração de «A BATALHA».

Elas não tem outro fim nem maior efeito do que desviar os trabalhadores do caminho da vitória, pondo-os no costume de esperar da «magnanimidade» tardia e humilhante dos seus inimigos o que podem obter prontamente e muito facilmente pelos seus próprios esforços.

Nesta categoria estão incluídas a lei das 8 horas, a do trabalho das mulheres e das crianças, e a dos accidentes de trabalho, que são todas muito boas para fazer parecer que os malvados capitalistas são magnânimos. Estas leis protectoras servem também para colocar alguns parasitas como inspectores das fabricas e oficinas. Porque, a legislação capitalista é como John Robles, que constrõe hospitais depois de ter feito os doentes.

E se há algumas leis que favorecem o trabalhador, elas nunca foram promulgadas voluntariamente pelas autoridades. E por seus próprios esforços e não por prescrições legais que muitos trabalhadores gosam o dia de 8 horas.

Sómente nos lugares onde os sindicatos são bastante fortes para se poderem impor é que as mulheres são contratadas como os homens, e não é permitido às crianças entrarem nas fabricas antes do tempo marcado.

Em toda a parte onde os sindicatos são fracos as mulheres são exploradas pior do que os homens e fazem-nas trabalhar nas piores condições sem se importarem com as leis protectoras. E quando de crianças se trata os cidadãos defensores da lei zombam, não de uma mas de duas leis; permitem que rapazes e raparigas fujam da escola e fechem-nas nas cavernas manufatureiras onde elles depressa morrem, para nada dizer da sua exploração.

E a lei dos accidentes de trabalho, quantos esforços não tem custado constantemente às Unões de offico obter a sua aplicação?

Se fosse possível melhorarmos as nossas condições, e sairmos d'esto antro de miséria por meio de leis, não haveria razão de ser para as nossas associações de classe. Em lugar de nos organizarmos para a resistência por meio de greves, boicotes e sabotagens aos roubos dos patrões, deveríamos entrar para um partido politico e procurar obter leis que nos beneficiassem.

Mas é porque os factos e não as teorias nos demonstram que o nosso poder existe somente nas nossas associações exclusivas, livres de toda a intervenção burguesa, que nós nos organizamos em sindicatos, expulsando deles toda a qualidade de politicos.

A legislação do trabalho é já superabundante em todas as nações do globo.

Tanto nos mais democraticos como nos mais despóticos países, tem-se procurado fazer alguma coisa nesse sentido. O resultado não tem sido muito differente. O poder legislativo não pode ter outro fim senão o de salvaguardar os interesses da burguesia. Ele foi criado para isto: não pode servir para outra coisa.

A base fundamental de cada código, tanto na Turquia como na America, é a propriedade privada, e naturalmente, todos os decretos e leis que daí resultam são meios de a salvaguardar.

Porque fazerem as leis outra coisa seria contrariar-nos e destruir-nos, e a destruição própria é anormal.

Pouco importa que a água de chuva seja limpa, porque desde o momento que caiu no charco corrompe-se. Iludem-se os que julgam poder transformar em arma de emancipação um instrumento que foi criado de propósito para a opressão.

O absolutismo e o feudalismo só desapareceram perante os furiosos ataques dos servos, lutando como revolucionários.

O constitucionalismo e o capitalismo só serão destruídos pelo impeto revolucionário do Exército dos Escravos do salário.

Os trabalhadores, homens e mulheres, devem empregar todas as suas energias em aprender a fazer uso d'este gigantesco poder. Nós temos o poder na nossa mão, porque a sociedade é sustentada pelo nosso trabalho sem o qual ela não pode subsistir por muito tempo. Precisamos saber como faremos uso d'este poder e como o dirigir. Aprendamos.

RESPIGANDO...

O SERVILISMO

Servis são todos aqueles que espontaneamente se submetem à vontade de outro, que servem ou estão dispostos a servir as pessoas poderosas ou outras de quem esperam protecção ou honras; são os homens que, habéis para as cousas úteis à vida, não carendo do necessário para viver e tendo ali suficientes meios de subsistência, servem os poderosos porque julgam honroso servir.

Servis são os que se prestam voluntariamente com a sua força fisica ou com outros meios a vender ou reprimir as pessoas que se supõe serem rebeldes ou contrárias à vontade de um senhor, embora momentaneamente. Servis são os que se opõem a toda a manifestação de sentimentos independentes ou livres, quer o façam por palavras quer por escritos. Servis são também aqueles que desejam que sob um governo todas as pessoas de qualquer condição e de qualquer classe adorem os governantes, aprove sempre os seus actos, e à maneira de rebanhos sejam tratados como seres inferiores e como ao dono mais agrada.

O servilismo encontra-se na classe operária, na classe média e na aristocrática, de diversas formas e maneiras, e manifesta-se com frequência fazendo-se instrumento de quem está de cima e com a opressão dos espiritos livres, dos caracteres independentes. Nas tiranias o fenómeno tem ocasião de manifestar-se amplamente: ministros, espíes dos tiranos, multiplicam-se e multiplicam-se portanto as perseguições.

Sem os servis não haveria instrumentos da tirania.

J. SERGI

Castro Simões

RELOJOEIRO

RUA DO CAPELÃO, 40, 2.º D.

Um apelo à solidariedade internacional

dirigido pela Federação da Construção Civil Francesa ao proletariado português a propósito dum conflito no Vale de Ossan

Em offico que abaixo publicamos, a Federação da Construção Civil de França dá nota à sua congénere portuguesa dum conflito existente no Vale d'Ossan (Baixos Pirineus) entre trabalhadores espanhóis e uma empresa burguesa, conflito que vai assumindo graves proporções como se infere pela leitura do referido offico.

O apelo de solidariedade que a Central francesa dirige aos trabalhadores portugueses deve ser secundado por estes, como afirmação iniludível da sua repulsa contra as pretensões dos industriais franceses.

Eis o offico:

«Tendo sido organizados os numerosos trabalhadores espanhóis que trabalham por conta da Sociedade das Grandes Empresas Meridionais, no Vale d'Ossan, em Laruns, (Baixos Pirineus), estes nossos camaradas puderam, com a nossa ajuda, obter vários melhoramentos bastante apreciáveis, tanto no que diz respeito à dormida, pois elles habitam em barracões situados na montanha, como no que se refere a aumento de salários, diminuição das horas de trabalho, nomeação de delegados reconhecidos, etc.

Tudo isto foi obtido pela força operária e após uma luta que durou um mês e em que os camaradas espanhóis, apoiados por nós, foram admiráveis de energia e de abnegação. Foi contra sua vontade, e perante a superioridade numerica, que a empresa se viu obrigada a ceder.

Aproveitando-se da época invernal que traz consigo uma paralisação quasi total dos trabalhos, a referida empresa começou a despedir operários; em seguida, procurou por todas as formas e a pouco e pouco acabar com as vantagens concedidas, começando por despedir os delegados. O fim de toda esta manobra é fazer desaparecer a sólida organização que possuímos no Vale d'Ossan.

Soubes na minha passagem por esta região que, com este fim, estavam preparando tudo para recrutar camaradas portugueses, que, segundo elles, são mais maleáveis do que os espanhóis. Consta pois, que vão ser feitos pedidos de emprego, e que dentro em pouco vão partir vários homens para Portugal para recrutar alguns infelizes que serão os instrumentos inconscientes do patronato, vindo assim ajudar a empresa na sua obra de recuo social.

Vimos, pois pela presente, pedir-vos para que façais todo o vosso possível, a fim de que isso seja evitado; em nome da solidariedade internacional, pedimos para que façais saber, por todos os meios possíveis, aos trabalhadores portugueses, que não se devem dirigir aos Vales d'Aspe e d'Ossan, região esta que desde hoje tornamos interdita.

A título de indicação, os trabalhos consistem na construção de barreiras necessárias para o movimento das fabricas hidro-eléctricas e necessitam dum trabalho formidável, como por exemplo a perfuração de tûneis para a canalisação das águas, desvio do leito das mesmas, etc.

Contando com vossa vigilância e solidariedade, recebei, camaradas, as nossas saudações sindicistas e revolucionárias.»

PROPAGANDA SINDICAL

Em Vila Viçosa

VILA VIÇOSA, 23. — Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical, que esteve regularmente concorrida. Fez uso da palavra Vital José, que se referiu à lei do accidente de trabalho, às 8 horas de trabalho e às vítimas que têm dado a sua vida por tais regalias. Também se occupou dos perigos que advém da taberna e ao mal que ela está causando a todo o proletariado.

Humberto do Nascimento Pardo, ferroviário, referiu-se a vários assuntos da Organização, sendo muito aplaudido. — E.

SURDAS...

TEIMANDO NUMA ANOMALIA

Ao voltarmos ao facto já aqui exposto de, no Banco de Portugal, se distribuírem por forma muito irregular as gratificações providas dos lucros daquelle estabelecimento audiremos ainda o facto d'ele se repetir insistentemente por escandalosa tradição através de alguns anos, o que aliás não constitue direito por muito que assim o pareça.

As mais rudimentares noções de Direito determinam que as assembleias gerais fixem o caminho a seguir às direcções de qualquer colectividade, quando propensas ou teimosas em exorbitarem no exercicio das suas funções.

E' este um desses casos em que um numeroso grupo de ambiciosos leva à sua frente uma direcção que teima em prodigalizar-lhes a concessão do fruto de todos os benefícios acumulados por uma multidão de sacrificados e sempre com prejuizo do esforço do braço que o produziu.

Não há o direito de dispor «ad hoc» da bagatela de algumas centenas de milhar de escudos, sem considerar devidamente os esforços de todos os que trabalharam para os reunir.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. da Construção Civil. — Comissão escolar. — Reuniu esta comissão, para apreciar o resultado do júri que classificou as cegadas exibidas no Salão Teatro. Constatou que o resultado foi o seguinte:

1.º prémio, 50\$00, conferido à cegada «Sombras que falam», da autoria de Avelino Martins.

2.º prémio, 30\$00, conferido à cegada «Cinismo, Crença e Revolta», de Alfredo Paiva.

3.º prémio, 20\$00, conferido à cegada «Episódio Sentimental», da autoria de Henrique Lagiosa.

4.º prémio, 15\$00, conferido à cegada «Moral», da autoria de Henrique Lourenço.

Confeiteiros, Pasteleiros e Chocoleiros. — A comissão administrativa, no reunião de 26 do corrente, resolveu officiar nas camaras culinárias e Federação Marítima pedindo-lhes para não admitirem pasteleiros ao serviço de pastelaria quando não sejam sócios desta colectividade. Resolveu mais, publicar um manifesto protestando contra as «forças vivas».

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação Marítima. — Conselho Federal. — Pelas 20 horas, na sede do Pessoal de Camaras.

Manufactores de Calçado. — A's 21 horas, a assembleia geral, para continuação dos trabalhos pendentes. Devem assistir a esta reunião todos os camaradas que desempenharam delegacias no primeiro semestre de 1924.

Sindicato do pessoal de Camaras. — Seção dos Dispersos. — Assembleia geral, a's 21 horas, para apreciação da irradiação de um componente da mesma.

Trabalhadores de Limpezas e Pinturas de Navios. — A comissão administrativa a's 19 horas.

S. U. Metalúrgico. — A comissão executiva do conselho técnico, a's 20 horas, para tratar de vários assuntos de inadiável resolução.

Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa. — Para apreciar o regulamento geral dos sindicatos federados e suas secções, a assembleia geral, pelas 20 horas.

Caixeiros de Lisboa. — Pelas 21 horas, a assembleia geral ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª Leitura, discussão e votação do relatório moral e administrativo da gerência da 1924; 2.ª Nomeação de delegados à U. S. O.; 3.ª Nomeação de delegado ao Conselho geral da F. P. E. C. (Zona Sul); 4.ª Eleição de novos corpos gerentes.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Federação da Construção Civil. — Não se tendo efectuado ontem por motivo de força maior a reunião do Conselho Federal, fica o mesmo convocado a reunir na próxima segunda-feira.

Sindicato U. da Construção Civil. — Seção Sindical de Belem. — Na próxima terça-feira reúne a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciar a forma como foi solucionado o conflito nas obras do Bairro Económico da Ajuda e tomar conhecimento das «demarches» para a colocação de pedreiros que foram despedidos nas obras da Morgue.

Pessoal de Camaras. — Seção de Colinas. — Reúne a assembleia geral amanhã, pelas 18 horas.

JUVENITUDES SINDICALISTAS: